

SEMA JB em Itapissuma: onde o território fala e a arte escuta

Entre o mangue e o mar, a cidade ensina a caminhar de “andada”, a ler o espaço, a decifrar a natureza e a transformar o viver em criação.

A cidade de Itapissuma e seus arredores se revelam central na dinâmica da SEMA. Parte integrante do processo educativo, esta pequena cidade de Pernambuco transmite sua identidade para seus habitantes, o que é perceptível nas(os) alunas(os) de João Bento. A partir de um crescente sentimento de identidade própria e pelo desejo de autonomia política entre a população, Itapissuma lutou por sua independência do Distrito de Igarassu, alcançando-a em 14 de maio de 1982. Lá, suas(eus) estudantes vão atrás de espaços de expressão próprios, de conhecer e de reconhecer o valor em sua própria cultura, de exaltar a população da cidade, suas famílias e sua rica história com orgulho, de preservar aquilo que é local, como a caldeirada (prato típico) ou o Piaxaxá (dança regional). Todas(os) têm domínio a respeito de seu território e aproveitam ao máximo aquilo que a cidade pode lhes oferecer. A comunidade de estudantes retribui protegendo e preservando a localidade das explorações, da poluição e de outros males. Isso fica claro em suas criações artísticas, como os documentários que produziram para a SEMA, sobre o mangue.

Ao passear pela cidade e seus arredores é possível escutá-la: o mangue, o mar, as pessoas, as tradições, as construções, as paredes... tudo fala e conta histórias que se confrontam nos embates entre a exploração e a beleza ou nos problemas sociais e a forte identidade cultural. Essa mistura ferve e vira uma coisa só, como em uma caldeirada, indo ao encontro de uma das inspirações da SEMA “de andata”, o *Manguebeat*. Chico Science e Nação Zumbi apresentam no álbum, aclamado e premiado, “Da Lama ao Caos” (1994), essa dualidade sensível, quase sensorial, de quem vive nesta região. Na música “A cidade”, ele diz em um trecho:

*“A cidade se encontra prostituída
Por aqueles que a usaram em busca de saída
Ilusora de pessoas de outros lugares
A cidade, sua fama vai além dos mares”*

Já na canção “A praieira”, experimenta-se outra visão e experiência com este território:

*“Você pode pisar onde quer
Que você se sente melhor*

*Na areia onde o mar chegou
A ciranda acabou de começar, e ela é
E é praieira”*

As(Os) alunas(os) da SEMA possuem consciência de seu território, estudaram sobre ele e contaram, tanto subjetivamente, nos trabalhos, quanto explicitamente, em conversas, demonstrando uma habilidade de leitura política de sua localidade muito rara. Apesar de muito jovens, com idades entre 11 a 15 anos, galgaram esse caminho por meio da arte, com domínio e liberdade, conquistadas pelo saber.

Nesse cenário, é emblemático o fato de que a culminância principal da SEMA ocorre no mês de maio, justamente para homenagear a independência do município. O simbolismo é grande e possui diversas camadas, visto que a SEMA carrega temas regionais. Itapissuma é a personagem principal nas histórias que essas(es) alunas(os) contaram nesses três anos. Suas produções ultrapassam o muro da escola, colocando essa interação com o território em posição de importância. As referências artísticas são todas nordestinas, desde autoras(es) a compositoras(es) e musicistas, o que reforça a autoestima e o orgulho em razão de pertencer a uma comunidade como esta. Quem conhece a SEMA e o território que a inspirou, se apaixona. É um lugar com atmosfera de encantamento, com alma, com cheiro, gosto e som e fica fácil compreender que esse é o berço ideal para esse tipo de projeto, já que, em Itapissuma, cada canto, cada gesto e cada maré revelam saberes que brotam da terra, da arte e da esperança coletiva.